

A HERANÇA

Valter da Rosa Borges

O direito à herança é uma das grandes causas da injustiça social, porque promove a desigualdade entre as pessoas. Os herdeiros de pais abastados passam a ocupar posições de destaque na sociedade, não por seus méritos pessoais, mas pelos frutos do trabalho de seus genitores. Muito se tornam parasitas, dilapidam os bens herdados de maneira irresponsável e hedonista e se tornam arrogantes e prepotentes.

A herança é uma instituição que contraria o princípio da sobrevivência dos mais aptos.

Poucos herdeiros que, na concorrência honesta com outras pessoas, revelariam ser os mais aptos. São apenas privilegiados de um sistema social equivocado, um sistema de casta econômica que domina a sociedade. A fortuna passa a ser a sucedânea da inteligência, do valor pessoal. A casta econômica visa perpetuar-se indefinidamente no poder, valorizando o brasão de família. Mas, nem sempre isso acontece, porque nem todos os indivíduos do clã têm a capacidade de manter o seu prestígio.

Os pais, na sua ingenuidade afetiva, na melhor das hipóteses, tudo fazem para assegurar o futuro econômico dos filhos, garantindo-lhes a felicidade. Assim, em vez de fazer dos filhos pessoas de bem, apenas lhes garantem ser pessoas de bens. E sabe-se que nem todos os ricos são felizes e nem todos os pobres necessariamente infelizes.

A obrigação dos pais é educar os filhos em todos os sentidos, preparando-os para a vida, quando se tornarem adultos. Porém, poucos agem assim. Ao contrário: doutrina os filhos para seguir uma única meta – a obtenção do sucesso econômico.

A herança não garante o amor dos filhos pelos pais. O amor não é mercadoria que, quanto mais cara, maior o seu valor. Porém, muitos pais pensam assim, e para adquirir o amor dos filhos satisfazem todos os seus desejos. E se espantam, depois, pelo comportamento deles cada vez mais exigente e autoritário. Sentem-se escravizados pelos tiranos que alimentaram e que passam, já na adolescência, a atormentar-lhes cada vez mais as suas vidas. Pobres pais transviados por um amor mal administrado, porque extremamente permissível.

Não são raros os filhos que sonham com a morte precoce dos genitores para herdar-lhes os bens. Em alguns casos, a dilapidação dos bens já começa com os pais ainda vivos, porém anestesiados pela própria indulgência, protetores fanáticos do mau comportamento dos filhos. E, quando envelhecem e se tornam incapazes, são abandonados e esquecidos pelos filhos, ocupados em desfrutar os bens, agora sob sua geralmente pródiga administração. Outros, mais apressados, abreviam a morte dos pais, seja por ação ou por omissão.

Os filhos cometem arbitrariedades, confiados e confiantes no poder econômico e social dos genitores, que se tornam coniventes ao apoiarem seus atos, alguns deles de natureza imoral ou ilícita, passíveis de ação penal. Tudo pelo amor patológico ou subserviente aos filhos. Pobres pais, equivocadamente generosos, que transformaram os filhos em pessoas perigosas ao convívio social!

A riqueza herdada não torna as pessoas melhores e solidárias. Muitos herdeiros se desentendem na partilha da herança, provocando ódio e ressentimento entre eles. E não era essa, por certo, a intenção dos pais ao acumular um patrimônio para eles.